



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| ☐ Ambiente e Sustentabilidade | ☒ Crítica, Documentação e Reflexão | ☐ Espaço Público e Cidadania |
| ☐ Habitação e Direito à Cidade | ☐ Infraestrutura e Mobilidade | ☐ Novos processos e novas tecnologias |
| ☐ Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Evolução e Transformações da Praça da Matriz de Porto Alegre: Arquitetura e Contexto Urbano

Evolution and Transformation of the Matriz Square of Porto Alegre: Architecture and Urban Context

Evolución y Transformación de la Plaza de la Catedral de Porto Alegre: Arquitectura y Contexto Urbano

BATTASTINI, Débora Kling Petry (1);

ALONSO, Carlos Egídio (2)

(1) Professora Especialista, Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UniRitter/Mackenzie, Porto Alegre, RS, Brasil; email: dbattast@gmail.com

(2) Professor Doutor, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade de São Paulo, USP, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UniRitter/Mackenzie, Porto Alegre, RS, Brasil; email: carlosegalonso@uol.com.br

Evolução e Transformações da Praça da Matriz de Porto Alegre: Arquitetura e Contexto Urbano

Evolution and Transformation of the Matriz Square of Porto Alegre: Architecture and Urban Context

Evolución y Transformación de la Plaza de la Catedral de Porto Alegre: Arquitectura y Contexto Urbano

RESUMO

O artigo busca descrever e analisar as transformações urbanas da Praça da Matriz de Porto Alegre a partir da sequência histórica das construções nela ocorridas. A praça é aqui entendida como uma grande área livre, um fragmento urbano, que é qualificado pelas construções que a envolvem: defendemos a tese de que há uma mútua contaminação de qualidades formais entre o espaço livre e suas construções envoltórias, bem como um impacto mútuo quando novas funções são estabelecidas, implicando em novos usos. Nesse sentido, entendemos que “espaço livre” e “construções que o envolvem” são elementos inseparáveis de um único contexto urbano que denominamos “praça”. Comparando mapas e registros visuais de seus edifícios de diferentes épocas, são evidenciadas e analisadas as introduções e modificações das formas arquitetônicas e as consequências disto na evolução da espacialidade da praça. Nosso foco principal concentra-se nas configurações formais e espaciais da praça como uma das faces importantes para a compreensão da evolução da arquitetura e da cidade. Sugerida pela observação dos mapas e imagens, adotamos a seguinte periodização visando a análise formal e o desenvolvimento de nosso texto: a praça colonial, a praça neoclássica, a praça eclética, a praça modernista e a praça contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Praça Marechal Deodoro - Porto Alegre, forma arquitetônica, morfologia urbana

ABSTRACT

The article seeks to describe the urban transformations of Matriz Square of Porto Alegre from the historical sequence of constructions it occurred. The square is here understood as a large open area, an urban fragment, which is qualified by the buildings that surround it: we defend the thesis that there is a mutual contamination between the formal qualities of space and their buildings around, as well as a mutual impact when new functions are established, resulting in new uses. In this sense, we believe that "free space" and "buildings that surround it" are inseparable elements of a single urban context we call "the square". Comparing maps and visual records of its buildings from different eras, are highlighted and analyzed introductions and changes in architectural forms and their implications in the evolution of the spatiality of the square. Our main focus concentrates on the formal and spatial configurations of the square as one of the important faces for understanding the evolution of architecture and the city. Suggested by the observation of maps and pictures, we have adopted the following periodization seeking formal analysis and development of our text: the colonial square, the neoclassical square, the eclectic square, the modernist square and the contemporary square.

KEY-WORDS: Praça Marechal Deodoro - Porto Alegre, architectural form, urban morphology

RESUMEN

El artículo pretende describir las transformaciones urbanas de la Plaza de la Matriz de Porto Alegre a través de la secuencia histórica de las construcciones. La plaza se entiende aquí como un gran espacio abierto, un fragmento urbano, que es calificado por los edificios que la rodean: defendemos la tesis de que existe una contaminación mutua entre las cualidades formales del espacio y edificios del entorno, un impacto mutuo cuando se establecen nuevas funciones y nuevos usos. En este sentido, creemos que el "espacio libre" y "edificios que la rodean" son elementos inseparables de un mismo contexto urbano que

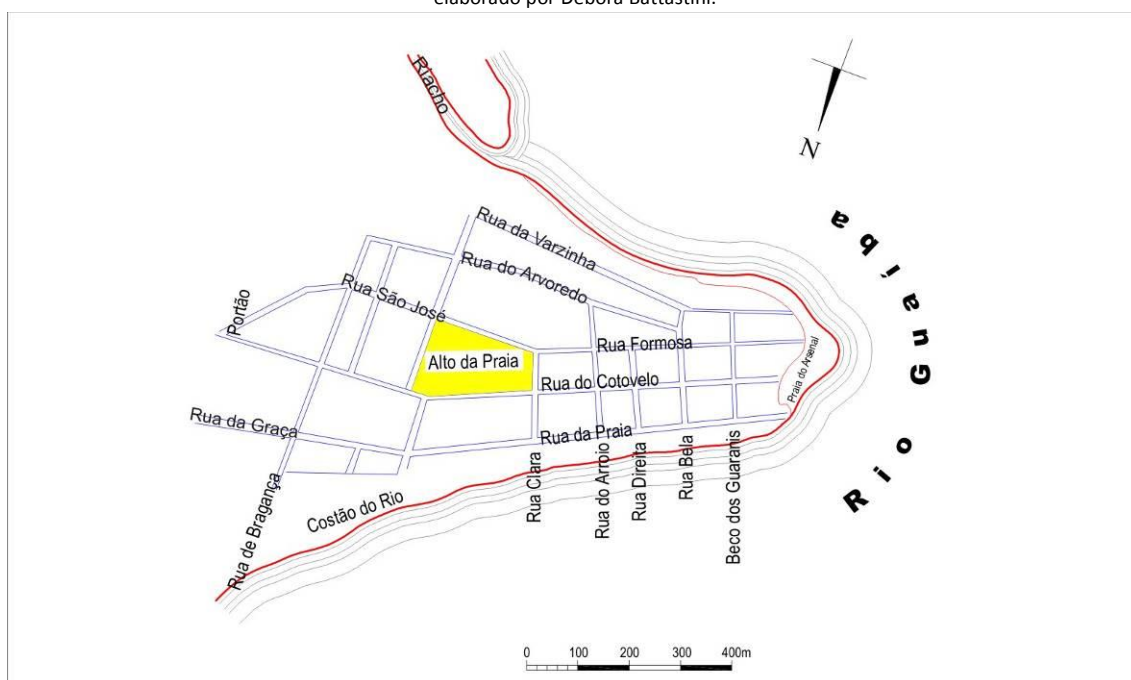
llamamos "la plaza". La comparación de los mapas y registros visuales de sus edificios de diferentes épocas, se resaltan y analizan las presentaciones y los cambios en las formas arquitectónicas y sus implicaciones en la evolución de la plaza. Nuestro enfoque principal se centra en las configuraciones formales y espaciales de la plaza como una de las importantes para comprender la evolución de la arquitectura y de la ciudad. Sugerido por la observación de los mapas e imágenes, adoptamos la siguiente periodización buscando el análisis formal y desarrollo de nuestro texto: plaza colonial, plaza neoclásica, plaza ecléctica, plaza modernista y plaza contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: Praça Marechal Deodoro - Porto Alegre, la forma arquitectónica, la morfología urbana

1 INTRODUÇÃO

A Praça da Matriz de Porto Alegre, oficialmente denominada Praça Marechal Deodoro, nasce junto com a fundação da cidade; sua gênese encontra-se na necessidade de estruturar o núcleo urbano que dá origem a então capital de São Pedro do Rio Grande do Sul. A praça torna essa capital viável pela construção de um conjunto arquitetônico formado pela Igreja Matriz, Palácio da Presidência e Casa da Junta, situados no Alto da Praia (figura 1), local escolhido por ser o ponto mais alto da península e do núcleo urbano de então.

Figura 1: Porto Alegre em fins do séc. XVIII - Mapa baseado em desenho elaborado pelo Professor Tupi Caldas – redesenho elaborado por Débora Battastini.



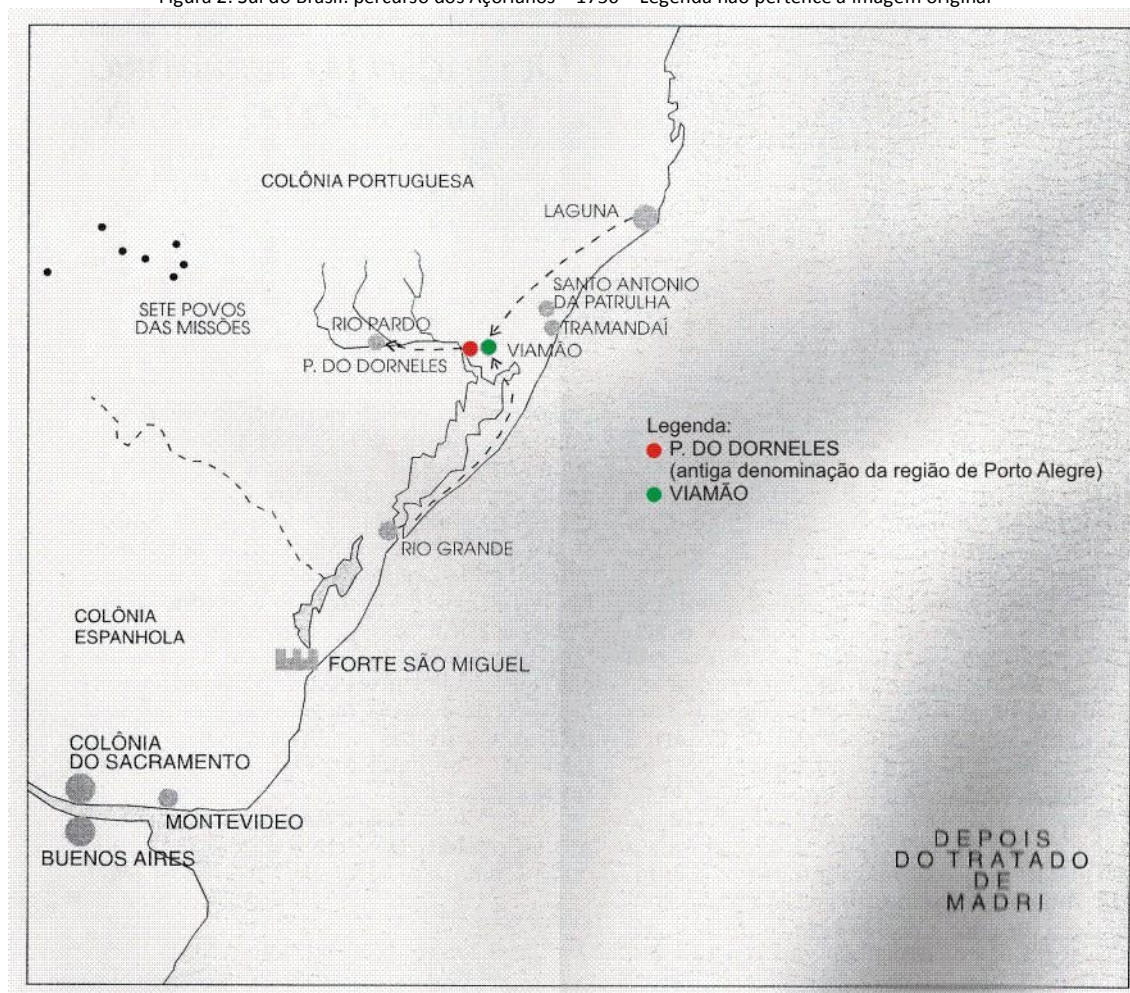
Fonte: (MACEDO, 1968, p. 54)

Pode-se dizer que a idade da praça coincide com a idade da cidade, 26 de março de 1772, definida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul como data de fundação de Porto Alegre, tempo em que o Porto dos Casais¹ era porto de Viamão, então capital da Província de São Pedro, como o Estado do Rio Grande do Sul era chamado naquela época. Tal fato “implicava no estabelecimento dos primeiros limites do povoado, pois que a nova

¹ A região de Porto Alegre foi conhecida por três denominações: “Porto de Viamão”, “Porto do Dorneles” e “Porto dos Casais” (OLIVEIRA, 1993, p.49).

paróquia havia de possuir uma circunscrição, uma área onde atuasse e onde exerceria aquelas funções de registro” (MACEDO, 1973, p. 65), isto é, registros de nascimento, casamento, óbito e outros que antes só eram feitos em Viamão (figura 2).

Figura 2: Sul do Brasil: percurso dos Açorianos – 1750 – Legenda não pertence à imagem original



Fonte: (SOUZA, 1997, p. 40)

Esta importante simultaneidade, além do fato de sua importância simbólica como centro cívico, religioso e cultural da cidade, funções que sempre desempenhou, fez com que a praça vivesse diferentes períodos de sua arquitetura que configuraram diferentes composições no desenho urbano deste fragmento da cidade. “A dualidade derivada dessa acumulação de funções religiosas e governamentais no mesmo espaço público deve ser percebida como uma das importantes características do lugar, com importantes implicações no caráter arquitetônico deste” (FIORE, 2004, p.99). Camilo Sitte em seu livro “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos” (Sitte, 1992), de 1889, em diversos momentos também coloca a importância das praças centrais no contexto urbano na medida em que ela é reconhecida pelos cidadãos ao desempenhar três funções básicas da comunidade: religiosa, política e econômica. Nesse sentido, o presente artigo aborda a maneira como as formas arquitetônicas evoluíram e provocaram interferências no desenho urbano, gerando diferentes configurações que determinaram as transformações ocorridas na praça: o objetivo é entender as mútuas relações

entre as novas configurações urbanas, seus impactos no desenho da praça e os elementos arquitetônicos que a configuram.

Sitte faz uma interessante comparação de caráter morfológico:

[...] mesmo a moradia antiga segue este modelo, apresentando apenas um tipo de orientação diferente, com um pátio descoberto circundado por diversas salas e cubículos; então, torna-se evidente que é mínima a diferença entre os edifícios citados (teatro, templo, moradia) e as praças urbanas, ainda que isso possa parecer estranho ao nosso ponto de vista, inteiramente diverso. (SITTE, 1992, p. 17)

Segundo Aldo Rossi, “ao descrever uma cidade, ocupamo-nos predominantemente da sua forma; essa forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta: Atenas, Roma, Paris. Ela se resume na arquitetura da cidade [...]” (ROSSI, 2001, p. 13). São as formas dos edifícios e da praça que constituem as bases deste nosso estudo.

Para Aldo Rossi, as formas parecem resumir os fatos urbanos²: através de documentos de caráter icônico, nosso trabalho é ler nas formas da praça e de seus edifícios, incluindo suas transformações no decorrer dos tempos, as mudanças históricas que indicam outras novas funções, ou o desaparecimento de algumas delas, bem como seus novos enlaces com a expansão da malha urbana: em suma, iremos nos concentrar nas questões formais que configuram a praça através de seus desenhos e das formas arquitetônicas de seus edifícios, contextualizando fatos históricos, políticos e sociais determinantes desse espaço urbano.

Observando a evolução histórica baseada nas plantas da praça e traçando um paralelo com as imagens que registram a arquitetura de cada período, determinamos uma periodização dividida em cinco momentos que denominamos “Praça Colonial”, “Praça Neoclássica”, “Praça Eclética”, “Praça Modernista” e “Praça Contemporânea”.

2 A PRAÇA COLONIAL

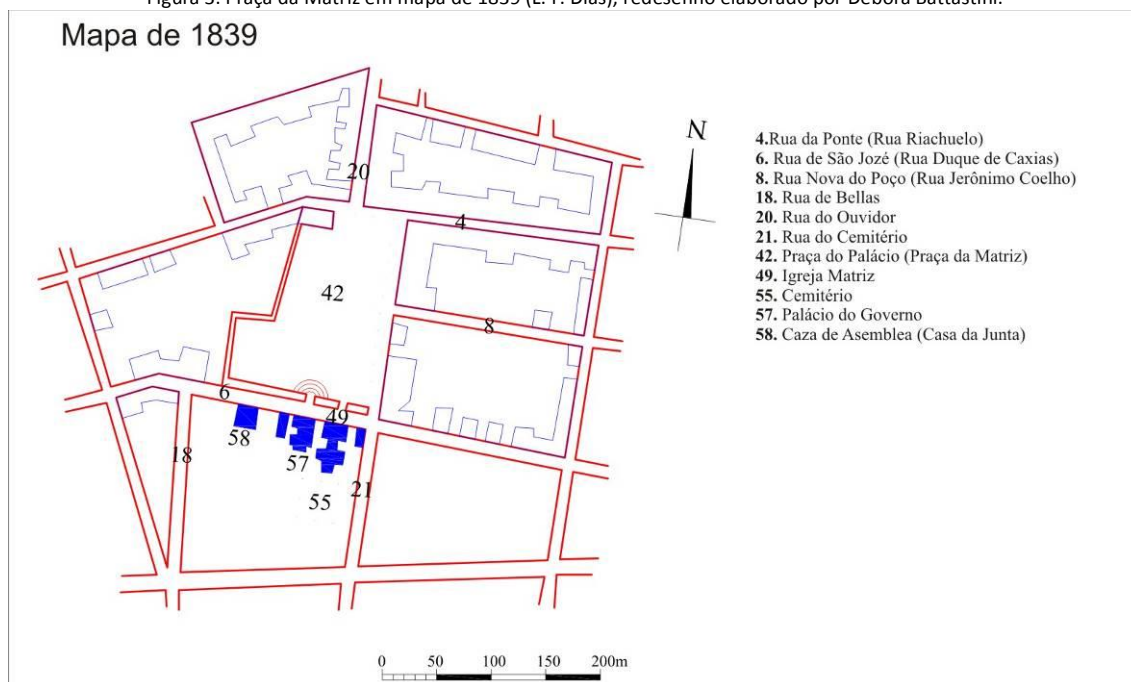
Como já mencionado anteriormente, a praça nasce junto com a fundação de Porto Alegre. Em 1772 é iniciado o traçado das primeiras ruas e a construção da Igreja no Alto da Praia; em 1789 é concluída a construção do Palácio da Presidência e em 1790 a Casa da Junta. “Estes três edifícios institucionais existentes ao final do séc. XVIII eram típicas estruturas coloniais portuguesas, muito simples em sua construção” (FIORE, 2006, p.96).

Nesse período de implantação da praça, observa-se nela um grande espaço de forma irregular, mais profundo que largo, com os principais elementos urbanos situados no seu lado sul, com vistas para o Rio Guaíba. Segundo os tipos de praças identificadas por Camilo Sitte, nesse momento é identificada uma “praça de profundidade”³, com os edifícios principais se alinhando na dimensão de largura da praça. Nas figuras 3 e 4 é observada uma diferença de nível entre o passeio em frente aos prédios e a praça, destacando ainda mais a posição de imponência destes edifícios em relação à vista e sua importância em relação aos demais elementos de entorno.

² ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins fontes, 2001. p. 17

³ SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 55

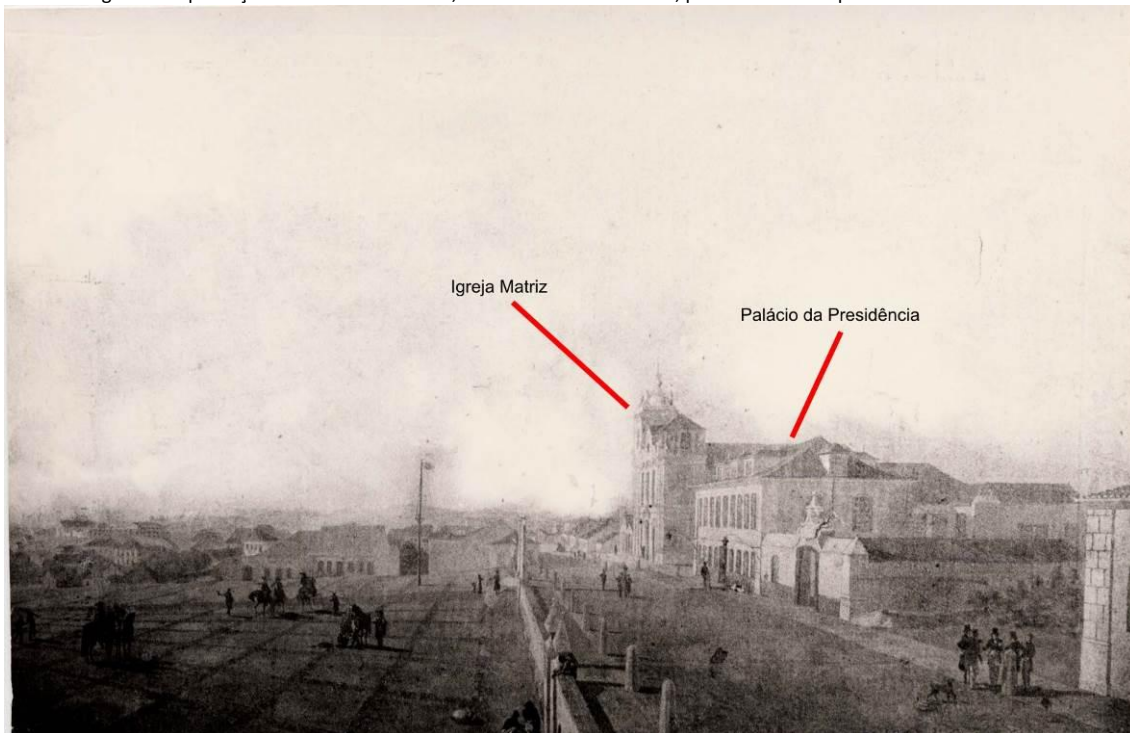
Figura 3: Praça da Matriz em mapa de 1839 (L. P. Dias), redesenho elaborado por Débora Battastini.



Como descrito por Renato Fiore (FIORE, 2006, p. 96), os edifícios eram de construção simples com características da arquitetura colonial. No Brasil da época se construía com o menor gasto possível, inclusive os prédios públicos pois os recursos oriundos da exploração da colônia eram direcionados a Portugal.

A praça e seus edifícios refletiam a tradição construtiva colonial portuguesa. A igreja destacava-se pelo seu porte em relação às outras edificações, e o Palácio da Presidência, com seu telhado de barro com beiral e águas furtadas, configurava a construção típica do Brasil colonial, à semelhança de uma casa portuguesa mas com proporção palaciana (figura 5). Carlos Lemos considera que “a grande contribuição portuguesa deu-se no campo das técnicas” e que “acompanhando o ‘saber fazer’ reinol também compareceu aquilo que se costuma chamar de ‘intenção plástica’, ou melhor, a vontade de construir no estilo ou à moda da terra de origem” (1996, p.14). Estas características imprimiam à praça um forte aspecto de arquitetura vernácula, tradução da situação política do Brasil naquela época.

Figura 4: Reprodução de uma tela colorida, década de 60 do séc. XIX, provavelmente reproduz cena do séc. XVIII



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breittman.

Para Carlos Lemos: “Arquitetura vernácula é aquela feita pelo povo, por uma sociedade qualquer, com seu limitado repertório de conhecimentos num meio ambiente definido, que fornece determinados materiais ou recursos em condições climáticas bem características” (1996, p.15).

Figura 5: A Igreja Matriz e o Palácio da Presidência – Aquarela de Wendroth.



Fonte: (WENDROTH, 1983)

Dessa maneira, podemos caracterizar este período pela simplicidade, economia e técnicas construtivas de tradição portuguesa: pelos princípios artísticos de Camillo Sitte esta seria uma praça ainda não mobiliada, carente de ornamentação, infraestrutura e caráter⁴. Certamente um espaço sem ornamentos, instituído com poucos recursos, mas carregado de significados e imprimindo o caráter de uma praça colonial, em um lugar jovem que representa o nascimento de uma cidade.

3 A PRAÇA NEOCLÁSSICA

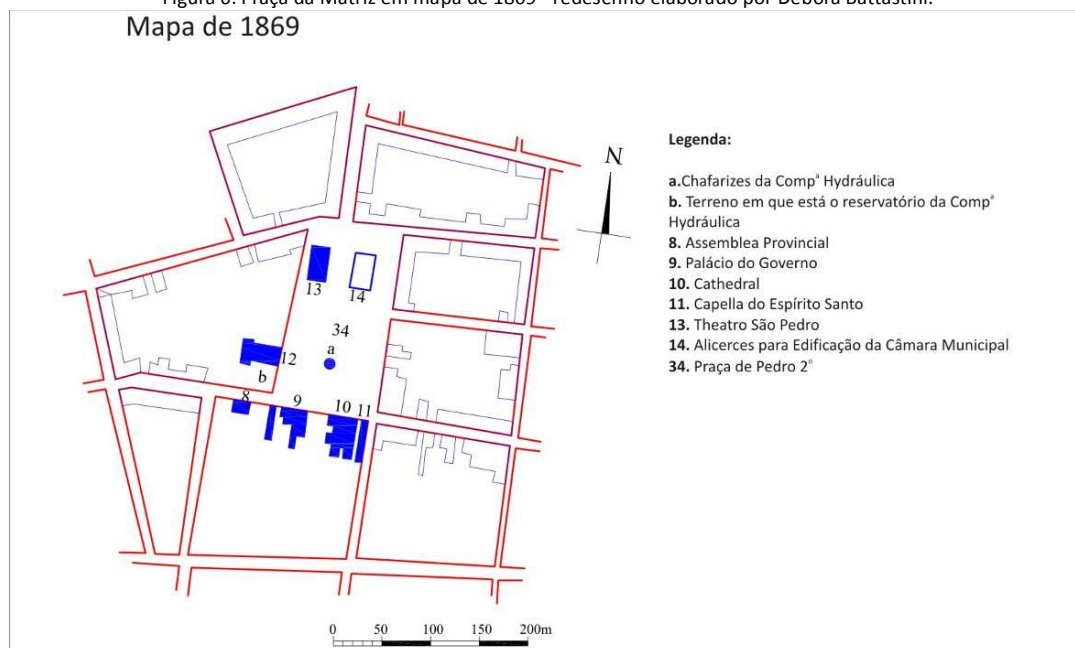
Pode-se observar na praça uma mudança de caráter nas suas construções a partir da década de 50 do séc. XIX: além de sua gênese ser a consolidação do núcleo urbano, este fato se deve a fatores políticos e sociais, como a independência do Brasil e a imigração alemã e italiana. Durante a Revolução Farroupilha (1835 – 1845) Porto Alegre passa por um período de estagnação que, com reflexo direto na praça, ocasiona a demora na construção do Theatro São Pedro, com suas obras iniciadas em 1833 e “interrompida nos alicerces por ocasião da Revolução Farroupilha” (OLIVEIRA, 1993, p.132), sendo concluídas apenas em 1858: o arquiteto alemão Phillip von Normann chegava a Porto Alegre em 1848, tornando-se responsável pelo projeto e continuação da obra do teatro.

O mapa de 1869 (figura 6) caracteriza bem o início da transformação da praça colonial para a neoclássica. Neste período ela passa a ter um contorno menos irregular mas preservando ainda o aspecto de uma praça de profundidade. Interessante notar que esta regularidade é uma das características criticadas por Camillo Sitte: ele afirma que “uma ênfase muito especial é dada, hoje, à regularidade milimétrica das praças e ao alinhamento das ruas que devem ser completamente retas e as mais longas possíveis” o que “sob o ponto de vista artístico, trata-se de uma preocupação inútil e de um esforço mal empregado” (SITTE, 1992, p. 63). Entenda-se por “hoje”, o final do séc. XIX, época de publicação da primeira edição do livro de Sitte.

Enquanto edificações, nessas transformações podemos notar, além do Theatro São Pedro, a Bailante, a Capela do Divino, os alicerces da Câmara Municipal, a instalação de um chafariz e a manutenção do conjunto arquitetônico da fachada sul, a Igreja Matriz, o Palácio da Presidência e a Casa da Junta, no mapa abaixo identificada como Assembleia Provincial.

⁴ SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos**. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 47.

Figura 6: Praça da Matriz em mapa de 1869 - redesenho elaborado por Débora Battastini.



Fonte: Acervo histórico SMOV.

Na figura 7, podemos observar a Igreja Matriz ao fundo com a Capela do Divino e mais à frente os alicerces da Casa de Câmara.

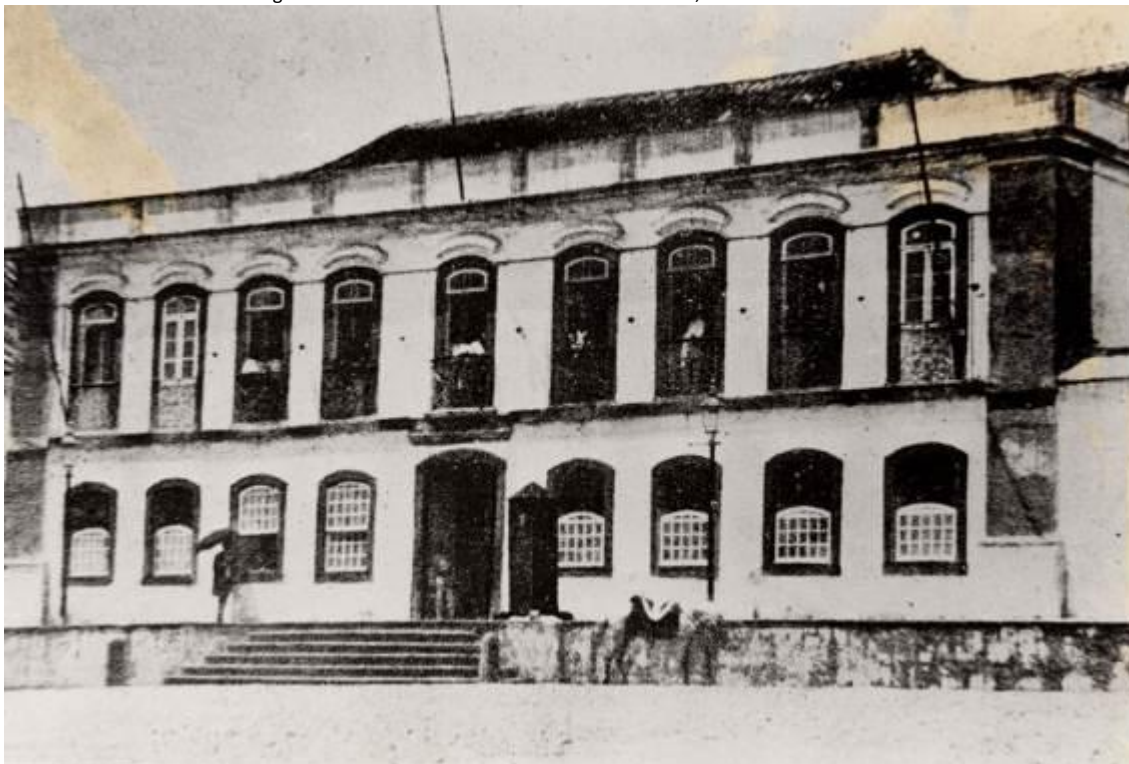
Figura 7: Igreja Matriz, Capela do Divino e alicerces da Casa de Câmara, 1864 – Foto de Autor desconhecido



Fonte: Fotos Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Na figura 8 observa-se que o Palácio da Presidência recebe uma platibanda, recurso que podemos supor estar ligado à vontade de descaracterização do aspecto colonial da praça, anunciando, através da arquitetura, o fim de um período e o início de novos tempos: a arquitetura atuando enquanto linguagem institucional.

Figura 8: Palácio da Presidência no final do séc. XIX, autor desconhecido.



Fonte: Fotos Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

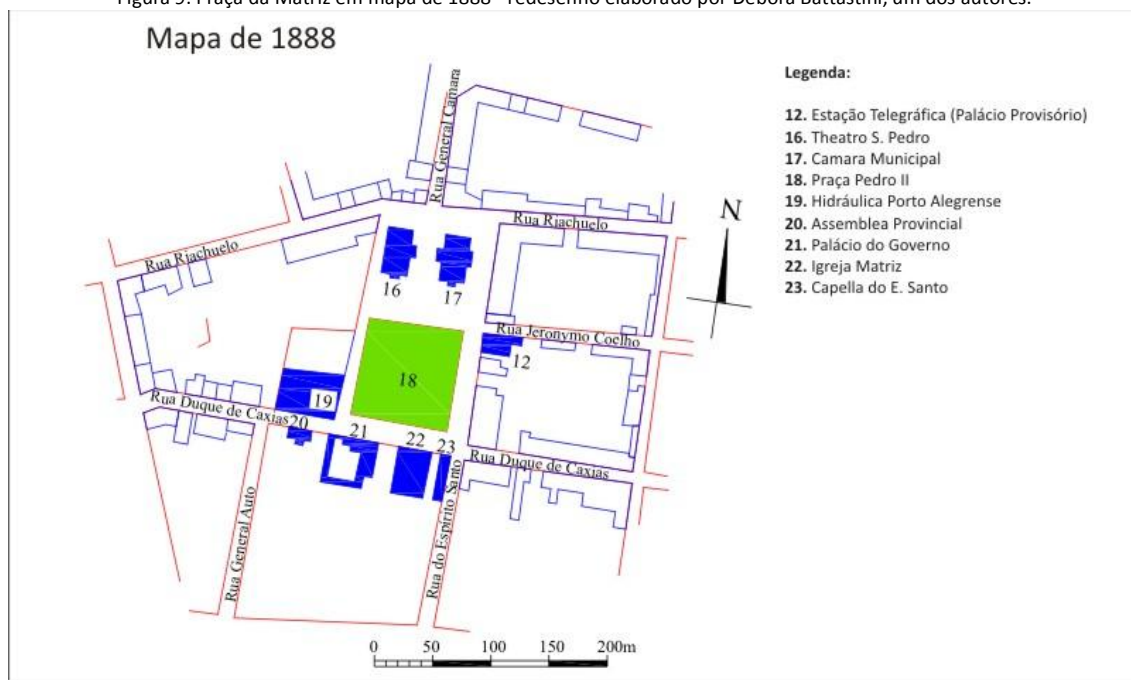
Na planta de 1888 (figura 9) podemos observar uma preocupação com a regularidade da praça, transformando-se de uma “praça de profundidade” em uma “praça quadrada”: para tal, é definido um novo contorno para seu ajardinamento. Ainda que polêmico, nessa transformação ainda se pode refletir sobre o pensamento de Camillo Sitte que reforça as qualidades do contorno irregular: “A experiência pessoal nos demonstra que tais irregularidades não causam, de maneira alguma, um efeito ruim; ao contrário, aumentam a naturalidade, estimulam nosso interesse e, sobretudo, reforçam o caráter pinturesco⁵ do conjunto” (SITTE, 1992, p. 63).

A Casa de Câmara já está concluída e ela cria um par de simetria com o Theatro São Pedro. A questão da simetria também está associada à abordagem neoclássica que, segundo Sitte, na Antiguidade Clássica o termo estava muito mais relacionado a questão de proporção e equilíbrio, diferente do que entendemos hoje, como a identidade especular entre direita e esquerda, forma como é empregada a simetria desde a Renascença⁶.

⁵ Expressão adotada pelo tradutor da obra de Camillo Sitte, que associa pintura com pitoresco, por se mostrar mais eficiente na tradução, segundo nota do tradutor.

⁶ SITTE, Camillo. *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*. São Paulo: Ed. Ática, 1992. p. 66 e 67.

Figura 9: Praça da Matriz em mapa de 1888 - redesenho elaborado por Débora Battastini, um dos autores.



Fonte: Acervo histórico SMOV.

A praça neoclássica tanto pode ser percebida no tratamento estilístico dos seus edifícios quanto na configuração da planta que indica a preocupação de regularidade de contornos, alinhamentos e inserção de elementos simétricos. Os novos edifícios que foram introduzidos em seu entorno seguem o padrão do estilo neoclássico, assim como as modificações realizadas nos prédios da Casa da Junta (Assembleia Provincial) e no Palácio da Presidência indicam a clara intenção de apagar o aspecto colonial da praça.

Em sequência, organizamos um conjunto de imagens dos prédios relacionados acima (figuras 10 a 13), através das quais buscamos evidenciar tais afirmações:

Figura 10: Assembleia Provincial - Meados do séc. XIX



Fonte: Jornal Zero Hora de 31/12/2000 p. 62

Figura 11: Theatro São Pedro, década 60 a 70 do séc. XIX - autor desconhecido



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 12: Sociedade Bailante, 1881 - autor desconhecido.



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 13: Palácio da Presidência década 90, séc. XIX - autor desconhecido.



Fonte: Acervo de Débora Battastini

Na figura 10, a Assembleia Provincial aparece com dois pavimentos, já nas feições neoclássicas. Podemos compará-lo ao edifício original (Fig. 4, no canto direito da imagem) que foi construído com apenas um pavimento e em estilo colonial. Com o intuito de remodelar a praça, e com este espírito racionalista, o Theatro São Pedro (Fig. 11) de Phillip von Normann, a Bailante (Fig. 12) e seu frontão grego, e o Palácio da Presidência (Fig. 13) adaptado a este novo momento histórico.

Figura 14: Theatro São Pedro e Casa de Câmara 1888 – foto Irmãos Ferrari



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Figura 15: Estação Telegráfica – Palácio Provisório Início do séc. XX – autor desconhecido



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breittman

Como exemplos dessa racionalidade e simetria, podemos observar os prédios “gêmeos” da figura 14 (de 1888) e ainda um exemplar neoclássico na figura 15 (início do séc. XX), o prédio da Estação Telegráfica o qual, durante a construção do Palácio Piratini, foi Palácio Provisório dos primeiros governantes republicanos do estado.

4 A PRAÇA ECLÉTICA

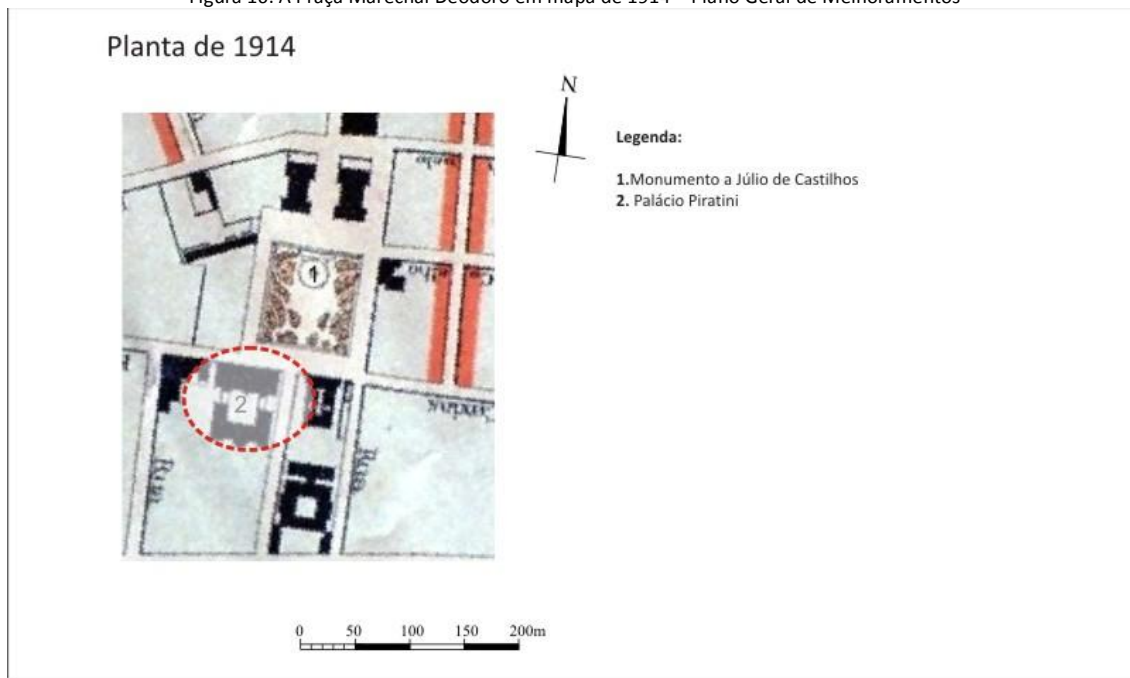
O período eclético da praça está diretamente relacionado ao novo momento político e histórico do país, o Brasil República. A praça como centro cívico da cidade e do estado não poderia ficar alheia às necessidades estéticas deste novo momento. Suas várias denominações também indiciam suas transformações. Ela que já foi conhecida por Praça do Palácio, Praça da Igreja, Praça da Matriz e Praça Dom Pedro II: em 11 de dezembro de 1889 passa a ser oficialmente chamada de Praça Marechal Deodoro. A ideologia positivista e os ideais republicanos determinaram uma série de mudanças que caracterizou esse período. O antigo palácio colonial deu lugar a um novo palácio que simbolizou esse momento político: projeto do arquiteto francês Maurice Gras, iniciado em 1909 e concluído em 1921, o monumento grandioso trouxe consigo algumas consequências formais, conforme afirma Renato Fiore:

Uma implicação importante da construção do novo palácio foi que este veio a romper o relativo equilíbrio antes existente entre os antigos edifícios coloniais. O novo palácio [...], uma obra acadêmica classicista, de grandes proporções dentro do contexto, suplantou significativamente, em tamanho e monumentalidade, a catedral, deixando a Igreja numa posição inferiorizada frente à instituição governamental controlada na época pelos positivistas de orientação laica. (FIORE, 2004, P.100)

Renato Fiore também destaca os problemas compositivos decorrentes deste novo elemento. Na planta de 1914 (Figura 16) o prédio de maior proporção que o anterior ocupa um espaço maior da fachada sul da praça, incrementando o deslocamento do edifício para o lado oeste.

Fiore destaca que o desequilíbrio é maior do que a planta pode sugerir, pois a harmonia estilística também foi quebrada⁷.

Figura 16: A Praça Marechal Deodoro em mapa de 1914 – Plano Geral de Melhoramentos



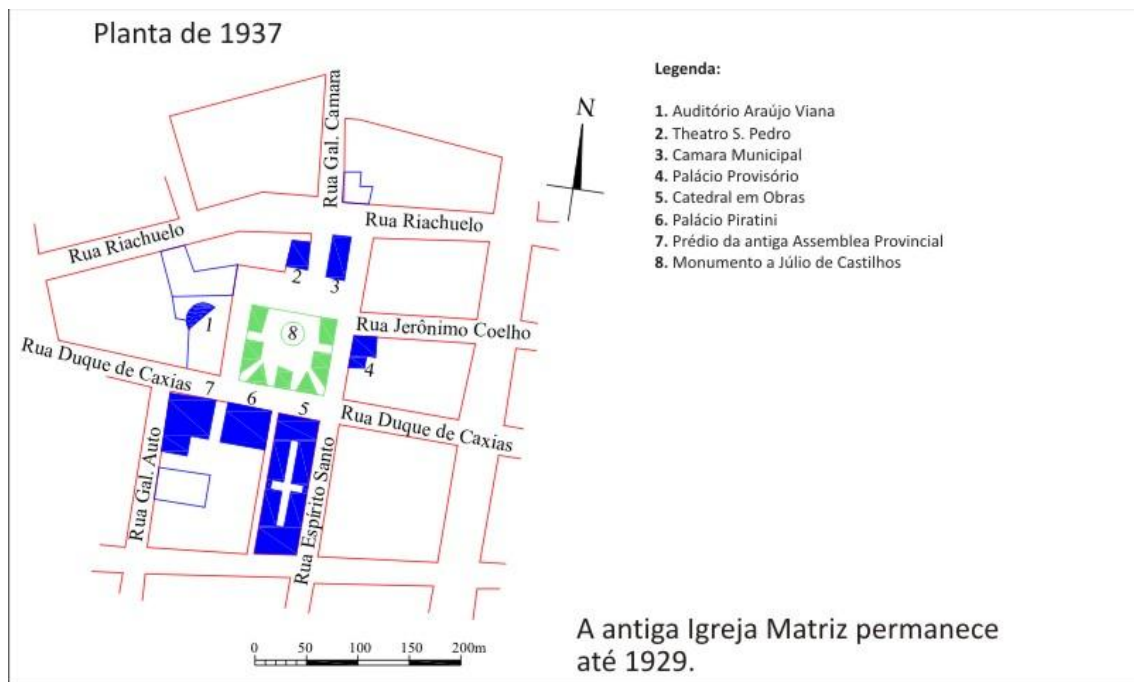
Fonte: Acervo histórico Secretaria de Planejamento Municipal

Em 1913, a praça recebe o Monumento a Júlio de Castilhos, obra de Décio Villares, com estátuas que compõem o monumento e que exprimem a ideologia positivista. Nas figuras 16, 18 e 19, pode ser observada a sua localização na praça, representada pelo item 1 da legenda da figura 16.

Neste momento eclético a antiga Igreja Matriz foi substituída por um projeto do arquiteto romano João Batista Giovenale, agregando monumentalidade também ao espaço religioso da praça. As obras da nova catedral foram iniciadas em 1921 e, com um longo período de obras, foram concluídas apenas em 1986 (fig. 21). Dentro deste período também ingressa na praça um novo espaço cultural, o Auditório Araújo Vianna, que pode ser observado no mapa de 1937, figuras 17, 20 e 21.

⁷ FIORE, Renato Holmer. **O Espaço da Praça da Matriz com a Inserção do Palácio Piratini**. *Arqtexto*. Porto Alegre, n.5, 2004.

Figura 17: Praça Marechal Deodoro em mapa de 1937- redesenho elaborado por Débora Battastini



Este período representou impactantes mudanças na forma da praça já que os dois edifícios mais significativos foram substituídos por exemplares mais “modernos” e de maior porte. Além desses dois edifícios foram afetadas a simetria do Theatro e Casa de Câmara, a definição do contorno da praça (atenuando o efeito de praça de profundidade), o monumento em um dos eixos da praça e o ajardinamento que dificultou a visão de outros elementos do entorno, além de problemas compositivos pela inserção do novo palácio. A modernidade não ocorre sem traumas, nas palavras de Sitte:

[...] o enigma do sentimento artístico, inato e instintivo, que, entre os mestres antigos, visivelmente causava um efeito prodigioso sem o aparato de regras e postulados estéticos, ao passo que nós, armados de réguas e compassos, seguimos na berlinda pretendendo resolver com uma geometria canhestra as questões sutis do âmbito da sensação.” (SITTE, 1992, p. 35)

Para além da questão arquitetônica e formal que condicionou esta configuração da praça, cabe ressaltar um possível saudosismo da população, que teve extirpados dois dos prédios públicos mais antigos da capital.

Figura 18: Monumento a Júlio de Castilhos com os prédios gêmeos ao fundo – Foto Virgílio Calegari 1910/1920



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breitman

Fig. 19: Monumento a Júlio de Castilhos com a antiga Igreja Matriz ao fundo – autor desconhecido



Fonte: Acervo de Débora Battastini

Fig. 20: Palácio Piratini e Auditório Araújo Vianna – autor desconhecido



Fonte: Arquivo Histórico Municipal - Porto Alegre - Álbum s.d. Adm. Alberto Bins

Fig. 21: Vista aérea da praça - Foto Léo Guerreiro e Pedro Flores 1958



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breitman

5 A PRAÇA MODERNISTA

A partir da década de 50 do séc. XX o modernismo se impõe como forma arquitetônica na praça. Além das habitações coletivas que ocupam o seu lado leste, duas outras obras públicas são edificadas, o Tribunal de Justiça (que toma o espaço da antiga Casa de Câmara, destruída por um incêndio) e o Palácio Farroupilha (prédio que abriga a Assembleia Legislativa do Estado, situado no local do Auditório Araújo Vianna). “Ambos edifícios possuíam, de antemão, a missão de renovação de imagem representativa de poder. [...]” (MACHADO, 2011)

Os edifícios modernistas não conversam com seu entorno, nem formalmente nem compositivamente: parecem ter sido realizados para ser o centro das atenções, desconhecendo sua vizinhança. Nesse sentido ainda são polêmicas as palavras de Camillo Sitte:

O sistema moderno da construção urbana definitivamente não admite esse método tão inteligente e refinado, cuja aplicação pressupõe o fechamento das praças e a construção de edifícios monumentais encaixados nas paredes das praças. Ao contrário: tal procedimento é radicalmente negado pela atual mania de se levantarem edifícios isolados. (SITTE, 1992, p. 70).

As limitações de terreno foram uma das dificuldades formais relatadas no concurso para o Palácio Farroupilha: “o júri admite que o tamanho do terreno reduziu a liberdade de concepção e o número de concorrentes.” (MACEDO apud MACHADO, 2011). De fato, o terreno inapropriado para um prédio daquele porte reforçou os problemas compositivos relativos ao Palácio Piratini. Como observa Fiore, “o novo edifício da Assembleia Legislativa (Fig. 23) está demasiadamente próximo ao palácio, na esquina da praça, linha que define o limite oeste desta, parece deixar um canto do palácio fora desta definição” (FIORE, 2004, p. 103). Pela inserção do novo palácio do governo, as questões formais mal resolvidas da praça se agravam: a relação entre Palácio Piratini e praça se mostra fraca e mal resolvida.⁸

Com relação às consequências formais destas duas obras podemos relatar que o Tribunal de Justiça, apesar da posição similar ao edifício anterior, não reforça o óbvio equilíbrio simétrico precedente, contrastando fortemente com o teatro. Na obra modernista, sabemos que os elementos de composição são puras formas geométricas, não cabendo aqui criar uma arquitetura que imite o passado com fins de manutenção de linguagem, mas é o seu porte que gera maior estranheza em relação ao conjunto, situação similar à relatada entre o novo palácio do governo e a antiga igreja; o teatro se apequena em relação ao seu prédio vizinho (Fig. 22).

⁸ FIORE, Renato Holmer. **O Espaço da Praça da Matriz com a Inserção do Palácio Piratini**. *Arqtexto*. Porto Alegre, n.5, p. 104, 2004.

Figura 22: Vista aérea da Praça da Matriz – meados do séc. XX



Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo - Fototeca Sioma Breitman

Fig. 23: Palácio Farroupilha – Foto Fernando Pires 2014



Fonte: Acervo de Débora Battastini

Um capítulo à parte, mas útil dentro da proposta deste texto, é destacar o projeto modernista para o Centro Cívico do Estado (Fig. 24 e 25) do arquiteto Arnaldo Gladosch, apresentado em 1939 para o Conselho do Plano Diretor de Porto Alegre. De acordo com Anna Paula Canez, o projeto,

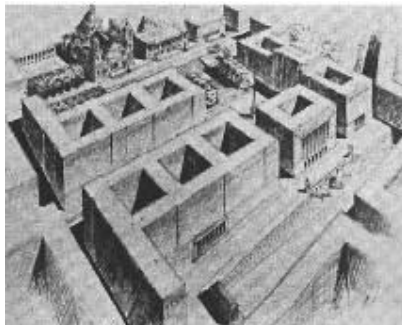
(...) previa a demolição do Theatro São Pedro, para que ali, fosse levantado o novo Palácio da Justiça. O local ocupado então pelo Auditório Araújo Vianna passaria a ser ocupado pela Assembleia. Cerca de metade da Praça da Matriz e o espaço que continha o Tribunal receberiam dois blocos idênticos que serviriam às instalações das secretarias de estado e de outras repartições estaduais. A Rua Jerônimo Coelho seria transformada em uma avenida a desembocar diante da Assembleia, separando aqueles dois blocos (CANEZ, 2008, p.182).

Figura 24: “Planta geral do Centro Cívico Estadual” – Porto Alegre, Arnaldo Gladosch



Fonte: (SILVA, 1943 apud CANEZ, 2008, p. 180)

Figura 25: “Perspectiva Futura do Conjunto” – Porto Alegre, Arnaldo Gladosch



Fonte: (SILVA, 1943 apud CANEZ, 2008, p. 180)

Embora com configuração questionável, o projeto possuía algumas soluções interessantes, criando uma vista privilegiada do Palácio Piratini e uma praça secundária para separar a praça da igreja da praça do palácio, solução definida por Camilo Sitte como “método do melhor aproveitamento das construções monumentais, pois se trata exatamente disso. Cada fachada imponente recebe sua própria praça” (SITTE, 1992, p.70). A demolição de prédios históricos como o Theatro São Pedro seria lamentável. Segundo Fiore:

Gladosch, assim, tentou melhorar o senso de monumentalidade do centro cívico livrando-se dos complicados problemas representados pelos diferentes tipos de dualidades existentes no lugar (a praça que é ao mesmo tempo o lugar do palácio e da igreja; a dualidade dos eixos), arranjando praças diferentes para o palácio e a catedral e acentuando o domínio de cada um destes edifícios em suas respectivas praças (FIORE, 2004, p. 105).

Sílvio Belmonte de Abreu Filho, em seu texto “A Mão e sua Impressão” aborda os projetos de Jorge Moreira e Gladosch para o Centro Cívico de Porto Alegre, e discorre sobre o projeto de Gladosch afirmando:

Acreditamos que tanto as estratégias quanto o desenho do Centro remetem à formação de Gladosch no urbanismo alemão em Dresden (com a perene influência dos estudos urbanos de Camillo Sitte das praças europeias), e à morfologia das composições urbanas da SFU, mais que à sombra da arquitetura monumental do totalitarismo europeu, usualmente identificada na maior parte das análises. (ABREU FILHO, 2007, p. 10)

Neste momento, observamos as consequências dos ideais modernistas na praça, onde os prédios modernos aparecem como monumentos alheios ao seu entorno, desinteressados de manter uma coesão entre as preexistências da praça. Esta afirmação é reforçada ao apresentarmos, em seguida, a praça contemporânea.

6 A PRAÇA CONTEMPORÂNEA

A praça contemporânea não apresenta grandes mudanças em sua forma, mas traz um exemplo da preocupação atual em produzir projetos que se harmonizem com seu entorno e com o patrimônio histórico construído. Nesse sentido, a concepção arquitetônica não é um pastiche do passado: é atual e original, respeitando o passado e, muitas vezes, se mimetizando com ele.

Para a praça contemporânea surge o projeto dos arquitetos Marco Peres, Dalton Bernardes e Júlio Ramos Collares, o “Multipalco do Theatro São Pedro”, onde transparecem estes princípios.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da linguagem arquitetônica e do desenho urbano, é fascinante observar como um fragmento da cidade pode ser tão útil para o desenvolvimento de uma ideia e revelar como a forma construída molda a praça.

Este artigo pretende relatar nosso atual desenvolvimento de pesquisa que tem como foco principal a questão da linguagem espacial referentes às alterações na arquitetura e no desenho urbano, o desenvolvimento de suas configurações geométricas e volumétricas, e as mudanças qualitativas e funcionais dos espaços que geram. Dentro dessa perspectiva, vários ensaios gráficos estão sendo experimentados tendo como cenário a atual Praça Marechal Deodoro, a Praça da Matriz de Porto Alegre. Trata-se de simulações gráficas (realizadas em programas computacionais) que pretendem evidenciar visualmente as transformações linguísticas ocorridas na praça, ocupando-se com as mudanças de seus paradigmas e de suas questões comunicativas tendo como foco principal a percepção do cidadão. Como reflete o já citado arquiteto Aldo Rossi, para o entendimento da cidade “ocupamo-nos predominantemente da sua forma”.



REFERÊNCIAS

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. *A Mão e sua Impressão*. In: Anais DOCOMOMO Brasil, nº 7, 2007, Porto Alegre.
- CANEZ, Anna Paula. *Arnaldo Gladosch: o edifício e a metrópole: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro*. Porto Alegre: Ed. Uniritter, 2008.
- IORE, Renato Holmer. *O espaço da Praça da Matriz com a inserção do Palácio Piratini*. ARQtexto, nº 5, 2004, p. 98-109.
- IORE, Renato Holmer. *O Caráter Histórico da Praça da Matriz em Porto Alegre: significados do lugar, permanência e mudança*. ARQtexto, nº 9, 2006, p. 92-109.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre Origem e Crescimento*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1968.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: História e Vida da Cidade*. Porto Alegre: ed. Da UFRGS, 1973.
- MACHADO, Andrea Soler. *Palácio Farroupilha: uma reflexão sobre a monumentalidade moderna*. In: Anais DOCOMOMO Brasil, nº 9, 2011, Brasília.
- OLIVEIRA, Clovis Silveira de. *Porto Alegre: a cidade e sua formação*. Porto Alegre: Ed. Gráfica Metrópole, 1993.
- ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. Traduzido por Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- SITTE, Camillo. *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Dóris Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- WENDROTH, Hermann Rudolf. *O Rio Grande do Sul em 1852: aquarelas / Herrmann Rudolf Wendroth*. Porto Alegre: s.n., 1983.